

REPRODUÇÃO E DESIGUALDADE: A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU

META

Apresentar as contribuições e limites da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu.

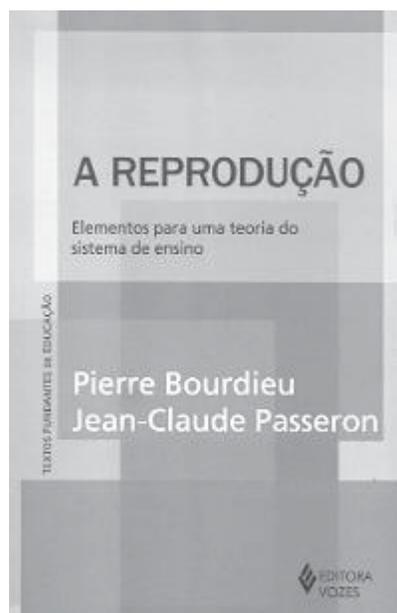
OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

ser capaz de apontar as principais contribuições de Bourdieu à compreensão das desigualdades escolares; aplicar as teses bourdieusianas à sua realidade escolar;

PRÉ-REQUISITOS

Domínio dos conceitos basilares das Sociologias da Educação de Émile Durkheim e Karl Marx.

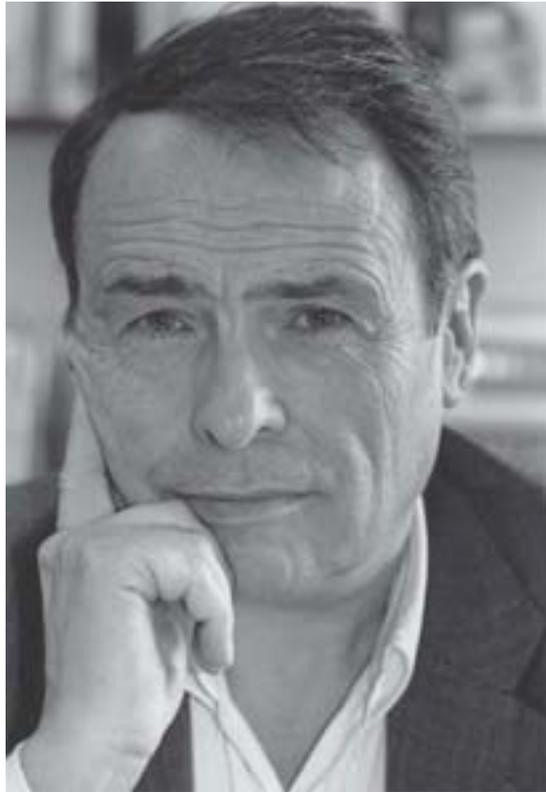


INTRODUÇÃO

A obra de Pierre Bourdieu [Sociólogo francês (1930-2002). Foi Professor no *Collège de France*] tem sido exaustivamente recepcionada no Brasil. Os primeiros textos de Bourdieu aqui traduzidos foram dois artigos que apareceram em coletâneas publicadas em 1968. Aos poucos a obra deste sociólogo francês foi lida e seus conceitos extensivamente adotados pelos intelectuais brasileiros na década de 1970, quando outros artigos de sua autoria surgiram em antologia organizada por Sérgio Miceli em 1974 e 1975, ano também da primeira edição brasileira, em 1975, de *A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. A partir desta década a obra de Bourdieu tornou-se mais acessível ao público leitor interessado em questões sociológicas e educacionais, sobretudo professores e estudantes universitários. A publicação de *A Reprodução* marcou o primeiro grande impacto de Bourdieu no pensamento educacional brasileiro. Naquele momento estávamos no auge da ideia da escola libertadora e democrática. Cabe citar que Florestan Fernandes havia apontado o caráter elitista da escola brasileira e defendeu a escola para todos. Dizia que a mesma deveria deixar de reproduzir os mecanismos de dominação. Nesta linha, os estudos de Bourdieu enfatizam que não é suficiente a mera expansão dos sistemas escolares e a presença maciça dos alunos nas escolas, pois essa realiza uma exclusão interna, dissimulando os interesses defendidos. A simples presença, segundo ele, não garantia o sucesso.

Progressivamente, Pierre Bourdieu se tornou um dos pensadores mais citados no mundo. No Brasil isso não seria diferente. Em levantamento realizado em 302 teses defendidas nas áreas de Ciências Sociais, sua obra foi a mais referenciada. A análise feita na biografia dos cursos de pós-graduação nestas ciências aponta um terceiro lugar entre os autores mais citados. A amostra obtida em revistas científicas constatou que Bourdieu é o autor com o maior número de citações. No campo da Educação os conceitos desse sociólogo também têm sido bastante utilizados. Num levantamento realizado entre 1971 e 1999 constatou-se que sua obra se constitui o corpus básico para a análise das peculiaridades das interpretações feita à realidade educacional brasileira. Mas, afinal, qual a contribuição de Pierre Bourdieu à Sociologia da Educação? Esta aula pretende responder tal indagação.

A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU



Pierre Bourdieu (1930-2002) (Fonte: <http://www.depositonaweb.com.br>)

Ao longo das últimas quatro décadas Pierre Bourdieu construiu, de forma consistente, paciente e acumulativa, um dos corpos de teoria e de pesquisa sociológica mais férteis do pós-guerra. Obras como *Les héritiers*, *Le métier du sociologie*, *La reproduction*, *Le sens pratique*, *Homo academicus* e *La noblesse d'Etat*, produzidas entre as décadas de 1960 e 80, marcaram as etapas de um sólido projeto de conhecimento científico do mundo social. Nessa trajetória, Bourdieu sempre concebeu a sociologia como um projeto científico rigoroso, uma construção intelectual em constante oposição ao saber espontâneo, dando continuidade à tradição durkeiminiana de erigir uma ciência do mundo social e também incorporando o princípio elaborado por Bachelard de um corte epistemológico entre as representações do senso comum e a elaboração do discurso científico (MARTINS, 2002: 164-165).

Ao longo de sua obra, Bourdieu procurou superar determinadas oposições canônicas que na sua ótica minam a ciência social por dentro, dualismos que comprometem uma adequada compreensão da prática humana, tais como: separação entre análise do simbólico e do material, indiví-

duo e sociedade, métodos quantitativos e qualitativos. Na sua concepção, tais oposições não derivam de operações lógicas ou epistemológicas constitutivas da prática científica, mas de dois fatores: *disputas entre escolas e tradições de pensamento no interior da sociologia*, que buscam erigir suas concepções particulares como verdade científica total, ou seja, constituem a expressão sociológica de espaços sociais estruturados em torno de divisões dualistas que acabam por produzir profissões de fé e emblemas totêmicos, dilacerando as explicações fornecidas pelas ciências sociais; *as lutas de concorrência entre seus adeptos*, visando à conquista de posições de legitimação no campo científico.

Contrapondo-se a esta visão, Bourdieu integrou, desde o início, contribuições teóricas de autores clássicos e contemporâneos, que, inclusive, eram vistos como antagônicos e inconciliáveis, re-trabalhando-os e incorporando-os ao seu esquema explicativo. Do mesmo modo, procurou no conjunto da sua obra desrespeitar as fronteiras disciplinares e divisões de áreas de conhecimento no interior das ciências sociais, de modo que sua influência estendeu-se a várias disciplinas nas ciências humanas. Assim, investiu contra a divisão artificial entre teoria e empiria, mediante a qual alguns pesquisadores cultivam a teoria por si mesma, sem manter uma relação com objetos empíricos precisos, enquanto outros, inversamente, desenvolvem uma pesquisa empírica sem referência às questões teóricas. A teoria deve constituir um programa de percepção e ação, um *habitus* científico intimamente ligado à construção de casos empíricos bem-delimitados (MARTINS, 2002: 165).

O projeto sociológico de Bourdieu é marcado pela variedade de objetos empíricos abordados. Em lugar da especialização temática, sua obra enfocou vários objetos: senso de honra, ritual cabila, casamento e paternidade, estruturas temporais e econômicas, categorias de percepção artística, gosto, classes sociais e estilos de vida, sistemas escolares, linguagem, entre outros. Assim, suas pesquisas não são limitadas à análise da reprodução das estruturas sociais, mas muitos dos seus aspectos foram integrados a suas reflexões. Ele buscou compreender, muitas vezes de forma microscópica e detalhada e a partir de procedimentos empíricos, não a essência da ação humana, mas a complexa relação entre os distintos espaços sociais em que se manifestam esses fenômenos e a inserção dos atores envolvidos na sua produção. Isto levou ao estabelecimento de uma unidade teórica de uma obra edificada a partir da construção de um sistema de conceitos derivados de um incessante confronto entre a teoria e o empírico, tais como *habitus*, *illusio*, campo, violência simbólica, *doxa*, capital cultural, que representam contribuições para a renovação da análise sociológica e, particularmente, instrumentos relevantes para enfrentar as complexas e intrincadas mediações que permeiam as relações entre ator e estrutura (MARTINS, 2002). O que ele chamou de “constitutivismo es-

truturalista” sintetiza bem a originalidade de seu procedimento, particularmente no que se refere aos trabalhos que foram publicados desde o fim da década de 1970 (CORCUFF, 2001).

A SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO DE PIERRE BOURDIEU

Como Pierre Bourdieu nos auxiliaria na abordagem dos fenômenos educacionais? Este sociólogo teve o mérito de formular, a partir da década de 1960, uma resposta original e abrangente para o problema das desigualdades escolares. Até meados do século passado predominava nas Ciências Sociais e no senso comum uma visão extremamente otimista que atribuía à escolarização um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios. Havia uma crença de que por meio da escola pública e gratuita seria resolvido o problema do acesso à Educação, o que garantiria a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. Nesta perspectiva, ainda vigente em alguns espaços sociais, acredita-se que os indivíduos competem dentro do sistema de ensino em condições iguais e aqueles que se destacam conseguem êxito por seus dons individuais. Deste modo, por uma questão de justiça, os vencedores nas disputas educacionais deveriam, naturalmente, ocupar as posições sociais superiores na hierarquia social.

Aqui, caro aluno ou prezada aluna, a escola seria uma instituição neutra, que difunde um conhecimento racional e objetivo e que seleciona seus alunos com base em critérios racionais. Vejam, vale destacar, que na recente discussão sobre as quotas para as universidades públicas no Brasil este argumento veio à tona!



A discussão sobre o sistema de cotas nas universidades públicas brasileiras (fonte: <http://www.depositonaweb.com.br/http://1.bp.blogspot.com>).

Ao contrário desta ótica, a Sociologia da Educação de Bourdieu lança um desafio: o desempenho escolar depende exclusivamente dos indivíduos? Os alunos competem no espaço escolar com as mesmas chances? Bem, nosso pensador francês em questão não nega os dons individuais. Entretanto, ele faz um esforço para demonstrar que o desempenho escolar também está associado à origem social dos alunos. Traços como classe, etnia, sexo, local de moradia, entre outros, podem influenciar no sucesso ou fracasso dos discentes. A partir de pesquisas empíricas realizadas no sistema de ensino francês, Bourdieu constatou que havia forte relação entre este desempenho e a origem social. Onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, passa-se a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

Num artigo intitulado “A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura”, Bourdieu questiona o mito da “escola libertadora”. Demonstra que, ao contrário do que se propaga, se observa no sistema escolar francês um dos fatores mais eficazes de conservação social, pois este fornece a aparência de legitimidade às desigualdades sociais e sanciona a herança cultural e o dom social tratando como natural (BOURDIEU, 1998).

É perceptível que na leitura de Bourdieu a Educação perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora da sociedade e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. Na perspectiva educacional bourdieusiana podemos identificar algumas teses. Como é constatado, os alunos não são indivíduos abstratos que competem em condições relativamente igualitárias na escola. Ao contrário, estes se constituem em atores socialmente constituídos que trazem uma bagagem social e cultural diferenciada. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente constituído. Constatase que o agente da Educação é caracterizado por uma bagagem socialmente herdada.

Podemos constatar a partir desta ótica que a escola não seria uma instituição neutra na transmissão da cultura e na avaliação dos alunos. Pelo contrário, ela reproduz e legitima a dominação exercida pelas classes dominantes. Ela ignora, no âmbito dos conteúdos de ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Ao tratar formalmente de modo igual em direitos e deveres quem é diferente, a escola privilegiaria quem, por sua bagagem familiar, já é privilegiado. As críticas de Bourdieu apontam que se a igualdade educativa alardeada pelas decisões oficiais não progride porque os discursos são mistificadores e tanto a sociedade como o Estado não querem realmente a democratização.

Nessa ótica a compreensão do funcionamento da escola aponta que as diferenças nos resultados escolares dos alunos tenderiam a ser vistos

4

como diferenças de capacidade (dons desiguais) enquanto, na realidade, decorreriam da maior ou menor proximidade entre a cultura escolar e a cultura familiar do aluno. Os alunos que dominam, por sua origem social, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar, e que, em função disso, tenderiam a alcançar o sucesso escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes. A legitimação das desigualdades sociais ocorreria, por sua vez, indiretamente, pela negação do privilégio cultural dissimuladamente oferecido aos filhos das classes dominantes:

“É uma cultura aristocrática e sobretudo uma relação aristocrática com essa cultura, que o sistema de ensino transmite e exige. Ao atribuir aos indivíduos esperanças de vida escolar estritamente dimensionadas pela sua posição na hierarquia social e operando uma seleção que sanciona e consagra às desigualdades reais, a escola contribui para perpetuar as desigualdades, ao mesmo tempo em que as legitima” (BOURDIEU, 1998: 53-58)

Nessa perspectiva há uma seleção social nas oportunidades de acesso ao ensino superior. Verifica-se um recrutamento aristocrático, com a eliminação das crianças menos favorecidas. Bourdieu enfatiza a eliminação contínua das crianças desfavorecidas através da ação do privilégio cultural. O que significa esta afirmativa? De acordo com autor, cada família transmite a seus filhos certo capital cultural e certo *ethos*, que contribuem para definir as atitudes face à instituição escolar. A herança cultural que define, segundo as classes sociais, contribui pela diferença essencial das crianças diante da experiência escolar e pelas taxas de êxito (BOURDIEU, 1998).

O grau variado de sucesso alcançado pelos alunos pode ser explicado por sua origem social, que os colocaria em condições mais ou menos favoráveis diante das exigências escolares. Nesta linha de raciocínio, o **capital cultural** constitui o elemento da bagagem familiar que teria o maior impacto na definição do destino escolar. A posse ou não de um capital cultural específico pode favorecer o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. As referências culturais, os conhecimentos considerados legítimos e o domínio maior ou menor da língua culta, trazidos do berço familiar, por exemplo, facilitam o aprendizado escolar na medida em que funcionaria como uma ponte entre o mundo familiar e a cultura escolar. É o nível cultural global do grupo familiar que mantém a relação mais estreita com o êxito da criança. Aquelas oriundas das classes menos favorecidas herdaram os hábitos e os treinamentos. Também herdaram saberes, “gostos” e “bons gostos”, cuja rentabilidade escolar é tanto maior quanto mais frequentemente esses imponderáveis da atitude são atribuídos ao dom (BOURDIEU, 1998).

Até agora está muito complicado? Tudo bem, o estilo e a leitura da obra de Bourdieu não é fácil. Vamos traduzir com uma demonstração. As

crianças oriundas de espaços socialmente favorecidos veriam a escola como uma continuação da socialização primária. Deste modo, as crianças cujas famílias dispõem de recursos econômicos transferidos para aquisição de computadores teriam maior facilidade com os novos recursos adotados em sala de aula. Ao contrário, os alunos oriundos de famílias desfavorecidas economicamente teriam mais dificuldades quanto à aprendizagem dos conteúdos e códigos escolares. A avaliação dos alunos vai muito além de uma simples verificação da aprendizagem, incluindo um verdadeiro julgamento cultural e até mesmo moral dos alunos. Esses são cobrados em relação ao estilo elegante de falar, de escrever e até mesmo de se comportar. Tais exigências só podem ser plenamente atendidas por quem foi previamente socializado nestes mesmos valores. Como diria Bourdieu, a esperança subjetiva de êxito próprio é violentada simbolicamente pelas oportunidades objetivas disponibilizadas para aquela classe ou categoria. Toda ação pedagógica que serve à seleção técnica e social é uma violência simbólica. Exerce um poder de um arbitrário cultural (BOURDIEU, 2008). Afirmamos, inclusive, no início deste livro, que esta seria umas das variáveis que influenciariam na desistência de alguns alunos em relação à Educação a Distância. Você lembra o exemplo que apresentei na introdução da primeira aula? Ali foi aplicado o referencial bourdieusiano!

EDUCAÇÃO E INVESTIMENTO DE CLASSE: A ESCOLHA DO DESTINO

Além da compreensão do funcionamento desigual da escola em relação às diferenças sociais, Bourdieu demonstra em sua obra como o sucesso ou fracasso escolar está associado a origem familiar. Isso é demonstrado com os diferentes investimentos com a Educação. De maneira geral, as crianças e suas famílias se orientam sempre em referência às forças que os determinam e estão associadas aos investimentos diferenciados na escolarização de seus filhos. A leitura de Bourdieu aponta três tendências. A primeira seria das classes populares. Pobres em capital econômico e cultural, estas tenderiam a investir de modo moderado no sistema de ensino. Isso ocorreria por várias razões. Primeiramente porque a percepção de que as chances de sucesso são reduzidas. Isto tornaria o retorno dos poucos recursos aplicados muito incerto, com risco muito alto. Essa incerteza e esse risco seriam ainda maiores pelo fato de que o retorno do investimento escolar é dado no longo prazo. As famílias que ganham dois salários mínimos, por exemplo, estariam menos preparadas para suportar os custos econômicos dessa espera, principalmente caso implicasse no adiamento da entrada dos filhos no mercado de trabalho. Ciente destas condições, tais famílias tendem a adotar postura liberal em relação à educação dos filhos. Suas

4

vidas escolares não seriam acompanhadas de modo muito sistemático e nem haveria uma cobrança intensiva em relação ao sucesso escolar. As aspirações escolares desse grupo seriam moderadas. Espera-se dos filhos que estudem o suficiente para se manter ou se elevar ligeiramente em relação ao nível socioeconômico dos pais. Aqui a opção seria por carreiras mais curtas, que dão acesso rapidamente à inserção profissional.

As classes médias tenderiam a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. Comparadas às classes populares, neste grupo haveriam chances objetivamente superiores dos seus filhos para alcançarem o sucesso escolar. As famílias desse grupo social já possuiriam um volume razoável de capitais que permitiria apostar no mercado escolar sem correr tantos riscos. Por outro lado, originárias, em grande parte, das camadas populares e tendo ascendido às classes médias por meio da escolarização, as famílias de classe média nutrem esperanças de continuarem sua ascensão social em direção às elites. As condutas das classes médias são entendidas por Bourdieu como parte de um esforço mais amplo com vistas a criar condições favoráveis à ascensão social. Isso pode ser constatado no planejamento cada vez mais comum quanto à redução no número de filhos, na renúncia do consumo de bens e serviços ligados ao divertimento e na boa vontade cultural em relação à escola. Os pais orientam os filhos a se adaptarem aos valores dominantes nos sistemas escolares.

Por fim, as elites econômicas e culturais investiriam pesadamente na escola. Entretanto, isso acontece de forma mais descontraída do que as classes médias. No caso destas famílias, o sucesso escolar é tido como algo natural, que não depende de um grande esforço de mobilização familiar. As condições objetivas das elites tornariam o fracasso escolar bastante improvável. Por outro lado, as elites estariam livres da luta pela ascensão social, pois não dependem do sucesso de seus filhos para ocupação de posições dominantes da sociedade.



O investimento na Educação não tem o mesmo sentido para os filhos de bóias-frias e de médicos (Fonte: <http://upload.wikimedia.org>).

CONCLUSÃO

É importante considerar que as pesquisas relativas à Educação elaboradas por Pierre Bourdieu dizem respeito a um contexto particular: o sistema de ensino francês até os anos de 1970. É preciso, deste modo, não transportá-los automaticamente para sociedades com sistemas de ensino diferentes, como é o caso do Brasil. A vitalidade das teorias de Bourdieu em relação à Educação só serão constatadas com novas pesquisas empíricas que contemplem os sistemas escolares particulares. Neste aspecto, vale destacar, a princípio, que as escolas e professores não seriam todos iguais. Há variações no modo de organização da escola, nos princípios pedagógicos e nos critérios de avaliação. Por outro lado, existem diferenças também no modo como cada escola ou professor participa do processo de reprodução social. O fato de que os grupos dominantes dominam os conteúdos valorizados pelo currículo escolar não é suficiente para que se afirme que esses conteúdos foram selecionados por pertencerem a essa classe.

RESUMO

Ao longo das últimas quatro décadas Pierre Bourdieu construiu, de forma consistente, paciente e acumulativa, um dos corpos de teoria e de pesquisa sociológica mais férteis do pós-guerra. O projeto sociológico de Bourdieu é marcado pela variedade de objetos empíricos abordados. Este sociólogo teve o mérito de formular, a partir da década de 1960, uma resposta original e abrangente para o problema das desigualdades escolares. A Sociologia da Educação faz um esforço para demonstrar que o desempenho escolar também está associado à origem social dos alunos. É perceptível que na sua leitura a Educação perde o papel que lhe fora atribuído de instância transformadora e democratizadora da sociedade e passa a ser vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimam os privilégios sociais. Podemos apontar quatro contribuições à análise da Educação. Primeiramente, sua sociologia permite a compreensão do problema das desigualdades escolares. Em segundo lugar, fornece um novo modo de interpretação da escola e da educação que relaciona desempenho escolar e origem social. Em terceiro, onde se via igualdade de oportunidades, meritocracia, justiça social, passa-se a ver reprodução e legitimação das desigualdades sociais. Por fim, a Educação é vista como uma das principais instituições por meio da qual se mantêm e se legitimavam os privilégios sociais.



4

ATIVIDADES

1. A partir da perspectiva da Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu faça uma pesquisa relativa à discussão sobre o sistema de cotas nas universidades brasileiras. Veja as possibilidades de se compreender este debate a partir da perspectiva bourdieusiana.
2. Faça uma consulta aos seus colegas e verifique, a partir das teses de Bourdieu, como suas respectivas famílias investiram na escolarização.



COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Recomendo que você consulte posições favoráveis e contrárias à implantação do sistema de cotas. Nesta atividade poderemos observar o alcance da tese bourdieusiana de que a escola privilegia grupos sociais dominantes. Na segunda atividade, mantenha o anonimato dos informantes. Esta poderá demonstrar como os investimentos diferenciados por classe influenciam ou não o sucesso escolar dos alunos.

PRÓXIMA AULA

A noção de relação com o saber: a Sociologia da Educação de Bernard Charlot.



AUTO-AVALIAÇÃO

Compreendo a Escola como um espaço social desigual? Consigo entender a Educação como reprodutora das dominações de classe?



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Péricles. Agência e Estrutura: o conhecimento praxiológico em Pierre Bourdieu. **Estudos de Sociologia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. V. 12, N. 12, jul/dez. 2006. p. 97-118.

BOURDIEU, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**: Pierre Bourdieu. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

- _____. PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CORCUFF, Philippe. “Das estruturas sociais às interações”. **Novas Sociologias: construções da realidade social**. Bauru-SP: EDUSC, 2001, p. 33-86.
- MARTINS, Carlos Benedito. Réponses: pour une anthropologie reflexive, de Pierre Bourdieu, com Loic Wacquant. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 26, ano 9, out. 1994, p. 179-181 (Resenha).
- _____. Notas sobre a noção de prática em Pierre Bourdieu. **Novos Estudos – CEBRAP**, n. 62, março 2002, p. 163-181.
- MICELI, Sérgio. “Introdução: a força do sentido”. In: BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998a, p. VII-LXI.
- _____. “A sociologia faz sentido”. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 1998, p. 09-16.
- NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Escritos de Educação**: Pierre Bourdieu. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- _____; NOGUEIRA, Cláudio M. Martins. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Vol. 23, n. 78, Campinas, abr. 2002.
- _____. **Bourdieu & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ORTIZ, Renato (org.) “Introdução”. **Pierre Bourdieu**. São Paulo: Ática, 1994.
- PINTO, Louis. **Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- SETTON, Maria da Graça Jacintho. Um novo capital cultura: pré-disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 26, n. 83, p. 553-573, abril/2002.
- VASCONCELOS, Maria Drosila. Pierre Bourdieu: a herança sociológica. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 23, n. 78, abril/2002.
- _____. A Sociologia da Educação na França: um percurso produtivo. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 553-573, agosto/2003.